

A brutalidade entre vaqueiros e búfalos no baixo Araguari – Amapá

Pedro Stoeckli



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/1616>
ISSN: 1806-9983

Editora

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Edição impressa

Data de publicação: 31 Maio 2017
Paginação: 171-196
ISSN: 0104-7183

Referência eletrónica

Pedro Stoeckli, « *A brutalidade* entre vaqueiros e búfalos no baixo Araguari – Amapá », *Horizontes Antropológicos* [Online], 48 | 2017, posto online no dia 01 junho 2017, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/1616>

A BRUTIDADE ENTRE VAQUEIROS E BÚFALOS NO BAIXO ARAGUARI – AMAPÁ*

Pedro Stoeckli**

Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário – Brasil

Resumo: O presente artigo aborda a atividade do vaqueiro no trabalho com o búfalo do pântano (*Bubalus bubalis*) em uma região de várzea amazônica a partir de pesquisa etnográfica. Em diálogo com o debate sobre a domesticação, primeiramente descrevo alguns aspectos do trabalho dos vaqueiros com os rebanhos de búfalos, como dobrar, derrubar e marcar o gado. Ao considerar essas atividades, destaco um termo que aparece constantemente na descrição que vaqueiros fazem dos búfalos e de seu trabalho com eles, o bruto. Ao propor a centralidade da expressão brutidade, que os vaqueiros utilizam em sua compreensão dos búfalos, proponho que essa noção é um conceito que intermedia e orienta as ações e interações entre os dois seres. Nesse processo, a brutidade acaba por constituir como o próprio vaqueiro pensa a si e a sua atividade.

Palavras-chave: animais não humanos, antropologia da técnica, búfalos, domesticação.

Abstract: This article is based on original ethnographical research and discusses the activity of the cowboy in his work with the swamp buffalo (*Bubalus bubalis*) in an Amazonian lowland region. In order to establish a dialogue with the current debate on the topic of domestication, I firstly describe some aspects of the cowboys' work with the herds of buffaloes, such as *dobrar*, *derrubar* and the marking of the cattle. While presenting these activities, I highlight a term that constantly appears in the description that the cowboys make of the buffaloes and of their work with them, the term *brute*. Thus, I emphasize the centrality of the expression *brutidade* (brutality) that the cowboys use in their understanding of the buffalo. I propose that this term is

* Este artigo é elaborado a partir de alguns argumentos apresentados na tese de doutorado defendida por mim em 2015 (cf. Stoeckli, 2015b). A pesquisa de campo etnográfica foi realizada nos meses de abril de 2012, de agosto a novembro de 2012, e de março a maio de 2013.

** Contato: pedro.stoeckli@gmail.com

a concept that intermediates and guides the actions and interactions between the two beings. While doing so, the brutidade ultimately constitutes how the cowboy thinks about himself and his activity.

Keywords: *anthropology of the technique, buffalo, domestication, non-human animals.*



Figura 1. Vaqueiro derruba e amarra um búfalo para furar seu septo (foto do autor).

Introdução

O búfalo do pântano (*Bubalus bubalis*) é um animal de origem asiática com alta capacidade de adaptação a ambientes alagados e que foi introduzido no norte do Brasil a partir de 1895 (Marques, 2000), principalmente nas regiões de campos de várzea periodicamente alagáveis.¹ Nas últimas décadas, os rebanhos de gado bubalino aumentaram vertiginosamente (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015).

Em seu modo de pecuária extensiva, a bubalinocultura se caracteriza por demandar baixa manutenção, pois, comparados com outras formas de criação animal (como o gado bovino), os búfalos mantêm condições físicas e crescimento da população mesmo em condições climáticas adversas, tais como períodos de escassez de pastos ou de alagamento dos mesmos por muito tempo (Moreira; Costa; Valentim, 1994).

Esta pesquisa foi realizada em fazendas às margens do rio Araguari, Amapá, onde há uma concentração de fazendas de rebanhos de búfalos. O sistema de criação de gado bubalino na região é eminentemente voltado para a produção de carne.² Nessas fazendas, trabalham pessoas que se autodenominam *vaqueiros*.³ Em sua maioria, os vaqueiros da região são trabalhadores que não têm posse da terra e que trabalham como assalariados, e a pessoa pode estar trabalhando como vaqueiro em determinado momento, mas já ter trabalhado em outros ofícios. Então, é considerado vaqueiro aquele que está trabalhando na vaqueirice, lidando com o gado e com as atividades relativas à sua manutenção.

A escolha pelo contexto desta pesquisa com comunidades amazônicas que vivem e trabalham com os búfalos se deu muito influenciada por estudos clássicos sobre as relações entre humanos e rebanhos, tais como *Os nuer*, de Evans-Pritchard (1940), e a etnografia de Tim Ingold (1976), *The Skolt Lapps today*. Inspirado pela retomada do debate sobre técnicas e relações entre humanos

¹ Pesquisadores sobre a bubalinocultura apontam que o búfalo é o animal ideal para o ambiente de várzea, pois ele se desloca no território de acordo com os períodos de seca e cheia (Marques; Lopes; Martinez, 2003, p. 58), e mantém um ritmo de crescimento mais acelerado quando comparado com outros bovídeos nesse tipo de pastagem (Mazza et al., 1990).

² Algumas fazendas produzem queijos para o consumo de seus funcionários ou para o comércio local, entre os moradores da região, mas essas são minoria e a atividade é intermitente.

³ Uma boa descrição etnográfica sobre vaqueiros em outro contexto pode ser vista no livro de Álvaro Banducci Júnior (2007).

e animais não humanos na antropologia brasileira (Mura, 2011; Sá, 2013; Sautchuk, 2007; Segata, 2012; Süssekind, 2010; Vander Velden, 2012), o contexto da criação bubalina amapaense se apresentava como um bom estudo de caso para o desenvolvimento de um debate sobre um modo específico de domesticação em um bioma com sazonalidades muito características.

Como exploro nesse artigo, algumas características são associadas ao búfalo a partir de seu comportamento e atributos, o que pode ser visto em determinadas ações durante o manejo do animal. Dentre essas, destaco o que os vaqueiros chamam de *brutidade* como um possível eixo de compreensão da relação entre vaqueiros, búfalos e os elementos técnicos e ambientais que são presentes naquele contexto. Para isso, descrevo algumas práticas com os animais e como essas compõem o que pode ser considerado um constante sistema de domesticação dos animais e, em reflexo, das pessoas.

Essas são concepções que ilustram o tema amplo deste artigo, qual seja, o de entender os animais e os humanos a partir de seus modos de relação.

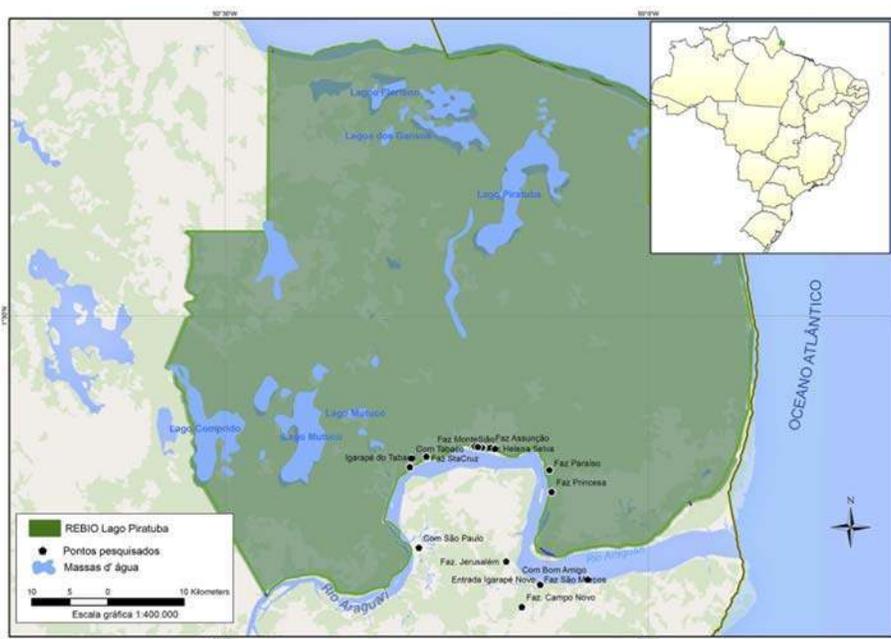


Figura 2. A Reserva Biológica do Lago Piratuba e pontos de referência da pesquisa (elaborada a partir de marcação por GPS).

Bravo e manso

Quando cheguei às fazendas do baixo Araguari pela primeira vez, eu esperava encontrar áreas tomadas por rebanhos de búfalos e vaqueiros em constante trabalho com os animais. Contudo, logo em meus primeiros dias, eu perceberia que os vaqueiros tendiam a ter relativamente pouco contato com o gado que cuidam e que esse trato se dava em áreas mais distantes da margem do rio e das sedes das fazendas, onde estão localizadas as moradias.

Durante os primeiros momentos do trabalho de campo, tive poucas oportunidades de observar algum evento diretamente relacionado com os búfalos e me sentia ávido por uma oportunidade de ver como os vaqueiros lidavam com aqueles animais. Assim como em outras propriedades, na fazenda em que eu estava hospedado a maior parte do gado fica espalhada pelo interior do terreno e os vaqueiros não têm contato constante com os búfalos.

Certo dia, os vaqueiros haviam reunido parte do rebanho no curral próximo da sede da fazenda para separar algumas *vacas*⁴ para serem ordenhadas na manhã seguinte. Por volta das 17h, um garoto dentre os mais novos que estavam de passagem pela fazenda, e que eu não conhecia tão bem, laçou e montou um cavalo, sem a necessidade de uma sela. Apesar de toda sua perícia, que muito me impressionou, os demais garotos comentavam todo o processo com constantes chistes, como se ele fosse desajeitado e não dominasse bem o cavalo. Como eu entenderia mais tarde, o tom jocoso com frequência acompanha os vaqueiros quando assistem uns aos outros em ação, e é tão mais intenso quanto maior for o grupo.

Acompanhei a pé os adolescentes que se aproximavam do curral, enquanto o jovem vaqueiro tocava o grupo de búfalos por trás da sede. Quando me aproximei o suficiente, assisti ao vaqueiro mais experiente da fazenda rodando seu laço em meio aos enormes búfalos que se movimentavam de forma a evitá-lo. Eu carregava a câmera a tiracolo e comecei a fotografar e a filmar a cena, impressionado pelo tamanho dos animais e pela imagem do pequeno vaqueiro em meio ao gado, o que proporcionava uma boa noção de quão grandes e pesados são os búfalos.

⁴ Utilizo itálicos em termos que são considerados como categorias dos animais pelos vaqueiros – como em *garrote*, *vaca*, *bravo*, *manso*, etc.

O vaqueiro vestia uma camiseta amarela que gerava um forte contraste com os tons monocromáticos do barro seco sobre a cor preta dos búfalos. Maravilhado com o poder da imagem que a situação proporcionava,⁵ acabei por me esquecer de onde eu estava e dos possíveis perigos de estar próximo aos búfalos sem estar sobre um cavalo. Só me dei conta disso quando outro vaqueiro apareceu por trás de mim com os braços abertos e fazendo barulho para espantar uma *vaca* e dois *bezerros* que se aproximavam e que representavam um perigo em potencial, por poderem me “estranhar”.

Após o susto, me preocupei em não sair mais de perto dos demais vaqueiros, mesmo daqueles que tinham metade da minha idade. Mais tarde aqueles vaqueiros me diriam que com aquele gado não há tanto perigo, já que aquele é o gado *manso* da fazenda, o que implica que há também o gado *bravo*.

Instigado pela ideia de que há búfalos *bravos*, eu perguntava com frequência como um vaqueiro sabe reconhecê-los. Pelo constante contato com os animais da fazenda, os vaqueiros sabem quais reses são *domesticadas*, termo que utilizam como referência às mais dóceis e acostumadas à presença e ação humanas. Mesmo entre os animais *domesticados*, um búfalo “pode ser manso o que for que, se estressa, é de uma hora para a outra”, um vaqueiro me disse. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando o animal fica com o “sangue quente”, debaixo do calor do sol, razão que leva os vaqueiros a preferirem lidar com os búfalos nas primeiras horas do dia.

Ao descrever o comportamento prévio à atitude agressiva, esse vaqueiro disse que o animal começa a agir diferentemente, como se estivesse assustado. O búfalo “mete o rabo entre as pernas e fica com os olhos vermelhos”. Nessa situação, se o animal corre em direção à pessoa é “para pegar mesmo”, e a única saída possível é correr também. “E o que tiver na frente dele, ele vai pegar. O que tiver na frente...”

Em relação a esse tipo de conceituação que os vaqueiros fazem dos búfalos, acho válido remeter a debates sobre o tema da domesticação dos animais. Sobre o tema, Jean-Pierre Digard (1988) pondera que nenhuma espécie animal pode ser considerada como total e permanentemente domesticada. Nesse sentido, a ação de domesticar é necessariamente contínua, cotidiana e deve ser renovada, caso contrário, os animais podem se “desdomesticar” e retornar

⁵ Desenvolvi argumentos sobre o uso da câmera e de outros instrumentos de imagens em um artigo recente também oriundo desta pesquisa. Cf. Stoeckli (2015a).

à vida selvagem.⁶ Por isso, Digard (1988, p. 50, tradução minha) concebe o processo de domesticação como uma “socialização da natureza”, combinada com a característica de animais para ser “bom para pensar”:

A domesticação animal, em um sentido amplo, não só em seu aspecto de processo histórico finito, mas como um ato constantemente renovado e mantido, implementa um conjunto de relação sincrônica entre a produção e o uso de animais e a organização das sociedades e dos sistemas de representação, cuja compreensão exige o estudo do fenômeno como um todo.

Em outra vertente, François Sigaut (1988) considera que o processo de domesticação envolve também uma *familiarização* recíproca entre humanos e animais.

Acredito que a concepção da domesticação e familiarização como processo contínuo é pertinente para compreender as relações entre humanos e bubalinos na região do baixo Araguari, pois esse tipo de noção aparecia com frequência na fala dos vaqueiros. Isso implica que os animais podem se “desdomesticar” e retornar a um estado “selvagem”, o que atribui à concepção de domesticação um caráter de processo contínuo. Como definem os vaqueiros, o búfalo deve ser constantemente “domesticado” para não ficar “mateiro”, embrenhando-se muito adentro no território distante da sede da fazenda. Isso poderia levá-lo a se tornar *bravo*, a atacar pessoas, uma tensão constante entre seu amansamento e asselvajamento.

Em uma obra dedicada ao tema das mudanças na relação com renas em diferentes povos pastoris, Tim Ingold (1980) visa demonstrar como transições entre modelos de relações com os animais podem ser eixos analíticos para a compreensão de diferentes modos econômicos. Para isso, o autor aponta (Ingold, 1980, p. 82) que a forma de manutenção dos rebanhos não depende somente de características particulares dos animais, mas sim da finalidade das relações produtivas que ligam humanos e animais não humanos. Nesse sentido, o modo de relação com objetivos voltados à comercialização dos animais, que corresponderia à atividade de pecuária do contexto da bubalinocultura, é chamado por Ingold de *rancher*, situação em que os grupos de animais são domesticados, mas não necessariamente domados.

⁶ Dentre os exemplos que Digard (1988, p. 31) cita de animais que retornam a um dito estado selvagem se não forem constantemente domesticados estão abelhas, coelhos, porcos, cavalos, gado e felinos.

Essa noção de um modo de produção de tipo *rancher* parece pertinente ao meu estudo de caso, pois ali os vaqueiros deixam claro que há um controle da reprodução e desenvolvimento dos rebanhos, sem contudo uma necessidade de que todos os animais sejam domados, *mansos*. Tal como descrito pelos vaqueiros, há pelo menos três estágios mais gerais de ferocidade dos búfalos. O mais extremo desses seria o búfalo totalmente *bravo*, como os *orelhudos*, animais que nascem longe das fazendas e vivem sem contato com humanos, que podem ser asselvajados e ariscos, fugindo da presença humana ou, pior, atacando pessoas.

Um estágio mais amansado seria quando o animal reconhece a presença dos vaqueiros e obedece em certo nível aos seus comandos sonoros, físicos e espaciais (como quando é cercado pelos vaqueiros montados). Contudo, esse gado tem sempre a possibilidade de se reverter a um estado de *bravo* caso não seja manejado com frequência, ou mesmo de incorrer em episódios em que fique de “sangue quente”. Por último, há o nível de animais totalmente *mansos*, caso mais raro, em que as reses chegam a ter nomes ou “apelidos” e se reconhecem neles. Esse é o caso das *vacas* que são ordenhadas e dos *bois cavalos* que trabalham como animais de carga nas fazendas.

De mesmo modo, na atividade do vaqueiro, a dificuldade real não é só saber separar búfalos *bravos* de *mansos*, mas saber interpretar quando um búfalo *manso* pode apresentar comportamento agressivo. Esse foi um dos temas que mais tentei explorar nas conversas sobre como os vaqueiros entendem o comportamento dos búfalos, mesmo em momentos em que lidavam com o gado considerado mais *manso*.

Alguns aspectos do trabalho da vaqueirice: dobrar, derrubar e marcar o gado

Os campos de várzea da região do rio Araguari são marcados por duas estações bem distintas. No período chuvoso, os animais passam mais tempo pastando e os vaqueiros lidam com os búfalos com menos constância, em geral, realizando algum tipo de manutenção periódica na fazenda ou separando *vacas* prestes a parir. Por isso, durante a estação de chuvas, chamada de *inverno*, os vaqueiros se movimentam em pequenos botes, os *casquinhos*, e embarcações chamadas de *rabetas*, denominação do motor.

Em contraste, a época menos chuvosa corresponde ao período mais quente do ano, o *verão*, quando os búfalos tendem a se expor menos ao calor e procuram permanecer em poças para regular sua temperatura (Marques, 2000).

É nessa estação que boa parte do manejo do gado é realizada, quando os vaqueiros trabalham a maior parte do tempo a cavalo. Durante o *verão*, várias atividades importantes acontecem, como as *ações* de vacinação, castração e *férreas* (marcação na pele a ferro candente).

E são justamente as atividades com búfalos um dos principais marcadores de tempo na região. Assim, se por um lado a maior referência sazonal é a alternância entre *verão* e *inverno*, por outro, atividades como essas vão ditando o cotidiano do trabalho na vaqueirice. Propondo um agrupamento dos meses a partir dessas principais atividades (não necessariamente igual à divisão das estações), é possível traçar o seguinte esquema:

| | | |
|---------------------|---|---|
| Época do ano | agosto a janeiro <i>verão</i> – seca | fevereiro a julho <i>inverno</i> – chuvas/maré |
| Deslocamento | cavalos | <i>casquinhos, rabetas</i> |
| Atividades | reorganização do gado | acompanhamento periódico |
| Tarefas | vacinação, castração, <i>férreas</i> | manutenção de cercas |

A atividade da vaqueirice, mesmo quando praticada em equipes (como no caso de fazendas maiores), é, na maior parte do tempo, bastante individual, para não dizer solitária. Seja na manutenção de cercas ou no trajeto percorrido a pé, a cavalo ou em um *casquinho*, o vaqueiro, com frequência, passa boa parte do tempo sem a companhia de outros humanos. É importante notar que, quando sozinho, perigos inerentes à sua atividade se tornam mais agudos e o vaqueiro deve ser cauteloso, pois, em caso de acidente, não poderá contar com a ajuda de *camaradas*.

Durante parte da pesquisa de campo, houve ocasiões em que não era possível acompanhar parte do trabalho com o gado, que normalmente é feito por apenas um vaqueiro que adentra o território montado em um cavalo, se é *verão* (seca), ou em um *casquinho*, se é *inverno* (época alagada). Essa diferença é tão marcada que, na mudança de estações, onde antes se via um igarapé, no *verão* restam apenas poças ou trilhas que pouco se destacam no solo seco.

Característica marcante de um sistema de criação extensivo, os rebanhos de búfalos se movimentam por boa parte dos campos e terrenos, que têm pouca ou nenhuma separação por cercas. Isso faz com que a atividade da vaqueirice seja, também, a constante busca pelo gado e sua eventual realocação de um

terreno para outro, conjunto de tarefas que se dão pelo território, marcado por igarapés, *malhadas* (áreas de descanso do gado), pastos e currais.

De fato, o modo como os vaqueiros descrevem suas atividades via de regra passa por uma relação de como aquela ação se dá em alguma parte do território em que habitam, o que se aproxima do que o antropólogo britânico Tim Ingold (2000) chamou de *taskscape* em um primeiro momento e, posteriormente, incluiu na noção de *meshwork* (Ingold, 2007), uma rede de atividades, locais, vivências e possibilidades.

De mesmo modo, no trabalho com o búfalo, os vaqueiros fazem uso de uma linguagem específica para se referirem às suas atividades cotidianas. Nessa descrição, o termo *dobrar* aparece com frequência e, por isso, me pareceu constituir uma concepção importante na relação com o animal. Assim, os vaqueiros dizem que vão *dobrar* o gado na *malhada* para descrever que irão atrás do gado no interior da fazenda. Podem, também, ser “convidados” para ajudar a *dobrar* o gado em uma fazenda vizinha, isto é, auxiliar em alguma atividade. A palavra era dita com regularidade e questionei, com frequência, os vaqueiros para tentar chegar a uma compreensão mais clara.

Em um sentido estrito, *dobrar*, como a palavra em si sugere, remete à tarefa de mudar a direção na qual o gado se movimenta, levando-o à área desejada pelo vaqueiro. Além desse significado – que conota um direcionamento espacial – o termo engloba também a ideia de subjugar, obrigar, coagir. *Dobrar* é, portanto, dominar, domar, fazer render-se, e, com, frequência, um vaqueiro pode se referir ao ato de domar um búfalo como *dobrar* o animal. Com efeito, a marcada presença da noção de *dobrar* o gado como uma forma de relação cotidiana do vaqueiro com o búfalo remete à ideia de que lidar com o gado é, sobretudo, torná-lo domesticado.

Esse processo é exercido principalmente por meio de ferrões e facas, mas também de amarras, cordas e laços com os quais os vaqueiros lidam com os búfalos e que definem, em sua perspectiva, a própria atividade da vaqueirice. Portanto, uma parte considerável da interação com os animais se faz por meio de amarras e conexões ao animal.⁷

⁷ Sobre esse aspecto, Tim Ingold (2000, p. 61) sustenta o argumento de que a história das relações entre humanos e animais não humanos, que é normalmente registrada como uma libertação do estado selvagem do ser, deveria ser narrada pela transição de relações de confiança às de dominação por meio de instrumentos técnicos que infligem dor e castigo aos animais.

Resultado direto dessa domesticação dos búfalos é que seus corpos têm várias marcas e sinais a serem lidos e interpretados, algo que é considerado uma habilidade básica da atividade da vaqueirice. Dentre as distinções dos búfalos, há características físicas como o chifre, a cor, a face e o tamanho. E há, também, os signos que os humanos imprimem sobre os animais, sejam marcas de ferro, sinais nas orelhas ou cortes nos chifres. Assim, ao longo de sua vida, os búfalos são marcados de diversas maneiras pelos vaqueiros, seja para registrar em seu corpo quem é seu proprietário, seja para assinalar alguma transição de *status*, como de *inteiro* a *castrado*, ou de não vacinado a vacinado.⁸

Desse modo, um olhar treinado é capaz de diferenciar idade, peso e categoria do animal, além de poder reconhecer o gado de uma propriedade ou de outra, se a rês é vacinada, se o macho é castrado, se é uma *vaca* que já teve cria. Por isso, ao tentar conversar sobre búfalos com os vaqueiros, eu logo descobriria que existe um vocabulário básico sobre os animais que deveria ser minimamente dominado para possibilitar perguntas que fizessem algum sentido. Nesse vocabulário, as classificações mais fundamentais e imediatas de uma rês baseiam-se no sexo, na idade e na capacidade ou estágio reprodutivo.

As marcas são normalmente realizadas nos búfalos em momentos específicos em que os vaqueiros pedem uma *ajuda* a *camaradas* de outras fazendas para se juntarem e realizarem o que comumente chamam de uma *ação*. Nesses eventos, os atos de vacinação, castração e *férreas* (a marcação na pele a ferro candente) reúnem vários búfalos de uma mesma propriedade a serem manejados e marcados de uma só vez. A maior parte das ocasiões em que um búfalo tem seu corpo marcado é durante os seus dois primeiros anos de vida, quando sai de uma condição de *bezerro* a *mamote* (no final do período em que ainda mama).

Em um típico dia de trabalho de uma *ação*, os vaqueiros começam reunindo o rebanho em um amplo curral, para separar as *vacas* de seus bezerros. Separados os animais que serão vacinados ou castrados, o processo se dá por meio de uma sequência em que os vaqueiros isolam um jovem búfalo, o perseguem montados a cavalo (de modo a cansá-lo) e o derrubam no solo, utilizando-se de laços e de uma manobra pela qual puxam o animal pelo rabo, jogando seu próprio corpo ao chão para gerar o peso e a força necessários para desequilibrá-lo.

⁸ Acredito que, por si só, o tema das formas como o gado é marcado mereça uma análise comparativa que trace estilos característicos em diferentes regiões e com diversos tipos de animais.



Figura 3. Vaqueiro derruba bezerro para ser vacinado e marcado (foto do autor).

Quando o búfalo cai, o vaqueiro se senta sobre o bezerro segurando seu rabo entre as pernas e sua cabeça virada sobre seu corpo, com o objetivo de imobilizá-lo. É apenas quando o animal está imóvel que aquele que é responsável por ministrar a vacina corre em direção ao bezerro com a pistola veterinária e dispara o remédio. Na sequência, o bezerro tem um pedaço de sua orelha cortado com uma faca de cozinha ou com o “terçado” (grande facão usado nas fazendas), o que lhe marca como um búfalo vacinado e o diferencia daqueles que ainda o devem ser.

A cada episódio de vacinação a que o bezerro é submetido, ele recebe um novo sinal em seu corpo que, daquele momento em diante, irá diferenciá-lo de outros ainda não imunizados. De modo geral, as marcas e sinais nas orelhas e em outras partes do corpo do búfalo servem como um prontuário veterinário permanente. Cada marca é composta por uma combinação de fendas, buracos ou aberturas cortados em torno das extremidades de uma ou ambas as orelhas.

Igualmente, a castração é um processo realizado em quase todos os bezerros machos, de modo que a fazenda mantém poucos machos *inteiros* para se desenvolverem como *garrotes* e se tornarem reprodutores. A depender do tamanho da área da propriedade, pode mesmo haver somente um *garrote* em todo o plantel. Como me explicaram os vaqueiros, se criados muito próximos,

búfalos machos *inteiros* tendem a entrar em conflito com outros machos, o que pode levar à morte de algum dos animais. Essa é uma das razões pelas quais os bezerros são castrados e transformados em *boi*, situação em que não disputam pela reprodução com as fêmeas da fazenda.⁹



Figura 4. Um *garrote* e uma *vaca* (foto do autor).

Para ilustrar esse tipo de perigo, em certa ocasião presenciei um enorme *garrote* atacando um jovem macho em um campo aberto. Da sede da fazenda, do outro lado de um igarapé, os vaqueiros que eu acompanhava assistiam à cena relativamente tranquilos e comentavam entre si se o *mamote* em fuga conseguiria sobreviver ao ataque do macho que o perseguia. Comentavam também sobre as “armas” do *garrote* – seus grandes chifres. Como me explicaram, é comum que machos mais velhos ataquem e matem os machos mais jovens ainda não castrados, o que os vaqueiros interpretam como uma clara competição pelo monopólio da reprodução. Assim, a analogia que fazem com “armas” é oriunda do perigo que os chifres dos búfalos representam aos outros

⁹ Diz-se também que animais castrados ganham peso mais rapidamente, atingindo o ponto de abate em idade mais jovem.

animais, mas também aos humanos que domam e manejam o gado. Por essas razões, os machos das fazendas são quase todos castrados.

A dinâmica da castração é semelhante à de outras *ações* com o gado, em que as reses são previamente reunidas pelos vaqueiros e mantidas agrupadas em um dos cantos de uma das áreas cercadas da fazenda. Formam-se grupos de dois ou três vaqueiros montados a cavalo que se aproximam do gado a ser manejado, batendo suas cordas nas reses e selecionando um bezerro para destacá-lo dos demais.

Quando sai do grupo, o bezerro escolhido põe-se a correr pelo campo e começa então a perseguição dos vaqueiros.¹⁰ Por vezes, o bezerro consegue alguma vantagem ao realizar uma curva brusca ou frear de repente, mas em geral não tem chance contra a perseguição coordenada dos vaqueiros e seus cavalos, que perseguem os bezerros em campo aberto até cansá-los e laçá-los.

Exaustos por correrem debaixo de sol quente, normalmente os bezerros ficam com a respiração ofegante, com a língua para fora. Primeiro, os vaqueiros laçam o bezerro pelo pescoço ou pelos chifres, enquanto o companheiro laça as suas pernas. Nesse momento, os cavalos “guentam”, isto é, param de correr e começam a puxar a corda para trás. Um dos dois conjuntos de vaqueiro e cavalo então corre realizando a “rapada”, o tensionamento da corda de supetão e a puxada das pernas da rês, derrubando-a.

Algumas vezes, esse processo pode “quebrar” o búfalo, principalmente os mais jovens. As lesões mais comuns são fraturas nas pernas do animal. Presenciei um dos bezerros sair desse processo com a perna dianteira quebrada, tendo dificuldade de se reunir ao grupo. Os vaqueiros me disseram, sem muita preocupação, que aquela fratura poderia vir a sarar e ele se desenvolver normalmente, ou poderia mesmo se complicar e impedi-lo de pastar e se alimentar adequadamente, o que, fatalmente, o levaria à inanição.¹¹

De qualquer modo, os vaqueiros são enfáticos em dizer que os búfalos aguentam mais esse tipo de *laçada* do que os bovinos, que “quebram” mais facilmente. Durante todo o processo o animal é constantemente ofendido e recebe castigos, como chutes e tapas, se não age da maneira desejada pelos vaqueiros, como no caso em que não permanece imóvel após ser derrubado.

¹⁰ Realizo uma descrição minuciosa desse processo no quarto capítulo de minha tese de doutorado. Cf. Stoeckli (2015b).

¹¹ Outra situação relativamente comum é ver bezerros ficarem caídos por muito tempo depois de castrados, esgotados fisicamente e com os corpos superaquecidos por todo o processo debaixo do sol quente.

Um ponto significativo de toda essa *ação de laçadas* e derrubadas dos animais ficou claro quando o vaqueiro responsável por aquele rebanho me explicou que o processo de vacinação poderia ser feito de maneira mais simples, colocando o gado na parte interna do curral e selecionando os bezerros para passarem, um de cada vez, pela *manga*, um cercado em forma de funil que dirige o gado para o curral ou para outra parte interna dele. Porém, mesmo que exista a possibilidade de lidar com o gado em locais confinados e sem a necessidade do laço, é mais comum que os vaqueiros realizem *ações de laçadas* com *camaradas* vindos de fazendas próximas.

Os vaqueiros dizem, sempre que conversam sobre o assunto, que as *laçadas* dos búfalos em campos abertos são uma fonte de diversão, o que parece ser mesmo o caso.¹² Contudo, acredito que há também outra dimensão importante nessas práticas. Ao optarem por lidar com o gado fora das restrições de um curral ou manga, há aí o importante efeito de desenvolvimento e manutenção das habilidades necessárias à vaqueirice – o uso do laço, o desenvolvimento de técnicas de amarras e de derrubada dos animais.

Uma inspiração direta desta pesquisa são os aportes teóricos de Tim Ingold (2000), que busca compreender as técnicas como capacidades de ação e percepção do ser situado em um ambiente específico, o que implica em mudanças importantes no foco da pesquisa. Como afirma o autor (Ingold, 2000, p. 5, 316), habilidades (*skills*) são algo tanto biológico quanto cultural, ao mesmo tempo uma forma de conhecimento e de prática.¹³ Essa conceituação nos convida a observar habilidades de determinados contextos de modo mais amplo, com suas relações com animais não humanos, ambientes e objetos.

Não menos importante, lidar com o gado em áreas abertas contribui também para o desenvolvimento da capacidade de melhor compreender o comportamento dos búfalos. Portanto, mesmo que uma parte considerável do trato com os animais possa ser feita em ambientes confinados, o dia a dia do

¹² Essa noção de diversão também aparece quando os vaqueiros comparam a atividade da vaqueirice com outros ofícios. Em uma conversa com um vaqueiro da fazenda Campo Novo, ele me explica que já trabalhou com a pesca em alto mar, mas que considera o trabalho com gado mais “divertido”. Pelo conhecimento que tive das práticas de pesca costeira pela pesquisa de Carlos Sautchuk (2007), conversei com ele sobre os perigos de ambos os ofícios, ao que Dario se mostrou taxativo: trabalhar com búfalos é ainda mais perigoso do que a pesca marítima em pequenos barcos.

¹³ Outros apontamentos teóricos pertinentes sobre a noção de *skill* foram feitos mais recentemente por Carole Ferret (2014).

vaqueiro envolve muito trabalho em campos abertos, quando essas habilidades devem ser acionadas e necessitam estar bem consolidadas. Essa é uma via pela qual é possível compreender, então, as *ações* coletivas de trato com o gado nas fazendas – enquanto exercitação e demonstração pública das habilidades envolvidas na lida com o os animais.

Felipe Sússekind (2010, p. 49) observou algo semelhante nos rodeios que presenciou na região do Pantanal, que ele considerou como uma *dimensão esportiva ritualizada* do trabalho dos vaqueiros. Em ambos os contextos de vaqueirice, há o exercício e demonstração de habilidades que são imprescindíveis em outros momentos, quando da lida solitária com o gado no campo.

Assim, aquilo que os vaqueiros chamam de *ação* com o gado, ou simplesmente uma *laçada*, envolve desde a criação e a manutenção de redes de socialidade entre *compadres* de fazendas próximas, até o exercício de habilidades essenciais à vaqueirice. Por isso, ampliar a compreensão das habilidades do vaqueiro (como sugerido pela noção de *skill*) nos leva a enfatizar seu contínuo aprimoramento e manutenção com elementos técnicos (como a corda, facão, etc.) em um determinado contexto (marcado por sazonalidades bem distintas, nesse caso).

Nesse sentido, me parece bem pertinente a concepção elaborada por Jean-Pierre Digard (1988), para quem a domesticação é um processo contínuo. Pois, se os próprios vaqueiros apontam que essas *ações* com o gado são importantes para tornar um búfalo *manso*, pode-se também argumentar que por meio desse exercício de habilidades com o animal o próprio vaqueiro é, por sua vez, domesticado, acostumado e treinado no trabalho com o búfalo.

E esses processos têm uma finalidade pragmática de marcar o gado e protegê-lo contra doenças, objetivando garantir a prosperidade do plantel de uma fazenda, missão inerente ao trabalho do vaqueiro. Contudo, essa interação não ocorre sempre de forma pacífica entre homens e gado.

Covardia com coragem

Se é claro que o búfalo pode ser uma mercadoria, um bem, um investimento, é importante ressaltar que ele constitui também uma atividade com riscos próprios, como os vaqueiros explicavam com frequência. Os búfalos, disse um vaqueiro, podem se acostumar muito rapidamente com uma pessoa. Porém, podem também estranhá-la com maior rapidez, “de uma hora para

outra”. Dessa forma, um búfalo pode variar de comportamento de uma maneira imprevisível mesmo para aqueles que têm muita experiência com a pecuária, o que faz com que o vaqueiro tenha que estar sempre alerta às menores mudanças no humor do gado.

Esse tema é recorrente em explicações que me foram dadas sobre a atividade com os bubalinos. Quando conversávamos sobre os búfalos que criam, com frequência o assunto caminhava para o potencial perigo que é trabalhar cotidianamente com animais desse porte e característica. Nesse contexto, é essencial que um vaqueiro saiba interpretar o humor do gado com que trabalha, algo que é adquirido a partir da experiência. O típico comportamento presságio de agressividade foi descrito por um vaqueiro, Seu Maguari, em uma das primeiras conversas que tivemos sobre o assunto:

– Cês vão pro lado dele e ele já está desconfiado. Desconfiado por quê? Mete logo o rabo entre as pernas, fica com os óios vermelhos. Aí a pessoa, que está domando ele, já sabe que ele já tá bravo. Se ele estiver fora dum pau [cerca, ou amarra] e ele correr em cima da pessoa, é pra pegar mesmo. Se ele estiver amarrado ele começa a dar logo aqueles assopro pra arrebenatar logo o cabresto. Se ele é macio do nariz ele fica duro do nariz.

– Como assim duro do nariz?

– Porque pelo nariz a gente governa ele. Se ele fica macio a gente leva pra maior parte aí. Mas numa dessa que ele fica bravo ele já não obedece mais pelo nariz.

– Isso que o senhor está falando é o boi cavalo?

– É o boi cavalo. Aí ele já não obedece mais pelo nariz. Tudo fica duro nele. Ele peca ali até arrebenatar aquele cabresto e se não arrebenatar ele fica dando aquela chifrada no pau. E o que tiver na frente dele ele vai pegar.

– E o boi que tá assim solto aí pra dentro?

– Ah, aí é o boi bravo.¹⁴ Se você estiver no campo, ele tá tomando conta de gado, se for garrote e você estiver cercando o gado lá, pode ir com ferro num garrote daquele, vai ser difícil, que ele vai logo lhe encontrar [perseguir o vaqueiro]. O que você tem que fazer é sair fora dele, correr mesmo. Se depois se você até [tem ajuda de outro] vaqueiro, tudo bem, vai. Deu uma enganada assim e um

¹⁴ Apesar de Maguari aqui entender o boi solto no campo como o boi *bravo*, esse não é o entendimento comum. Ele sabia de meu interesse naquele momento sobre o comportamento de búfalos bravos, por isso interpretou a pergunta dessa maneira. Búfalos soltos nos campos das fazendas são considerados *mansos* e raramente são *bravos*.

meteu a corda, laçar ele, tudo bem, aí o outro já tem que estar com outra corda pra laçar. Aí você domina ele. Aí você pega, cobre ele, tomba ele, serra ele...

– O que é serrar?

– Serrar o chifre dele. O chifre dele que é a arma dele. Mas é assim mesmo. Aí ele fica bravo. Mas se pegar [se o búfalo atacar] com aquele toco de chifre dele, o animal não tomba. Não fura, mas bate. Porque quando ele fica bravo...

A vaca é a mesma coisa. Uma vaca de bezerro, se ela for brava, cê não encosta no bezerro dela. Pra pegar, pra trazer ela. Ela corre atrás. Trabalhar com eles é na covardia. Tem que ser assim, dois, três vaqueiros, e de coragem! Porque, se você tiver um companheiro medroso, não adianta, cê vai morrer só você.

– Mas na covardia com coragem?

– Covardia com coragem. Porque cê laça e o outro já tem que tá com a corda pra ajudar. Porque ele [o búfalo] é bruto. Se o cavalo for fraco ele arrasta o cavalo. Tomba o cavalo. Ele vem e mata o cavalo. Numa coisada [chifrada] mata o vaqueiro que ficou ali.

– E o bovino, tipo o nelore, é bravo assim?

– É. Ele é bravo, mas a gente domina mais fácil, muito mais fácil. Ele pode ser bravo, mas a gente domina.

[...]

– Mas e o búfalo manso, ele é mais manso que um boi normal, assim, um nelore, por exemplo?

– Aí quando ele é manso, um boi que é manso mesmo, cê pode fazer o que quiser com ele. Aí ele não desconfia de ninguém não. Quando disser que é manso manso, pode fazer o que quiser dele [...] Cê domando o búfalo... Olhe, eu tomo conta de 200 reses. O gado que eu tomo conta é manso. Entra qualquer uma pessoa desconhecida e não tem uma rês, vamos dizer assim, que seja brava pra correr em cima. Aí você pode dizer assim: o gado é manso. Esse gado é manso. (Conversa com Seu Maguari, na fazenda Paraíso, em setembro de 2012).

Essa foi uma das primeiras falas que consegui registrar com um gravador e considero-a emblemática para o argumento deste texto. Dentre os pontos abordados, está a noção de que um búfalo domesticado é *duro* ou *macio* do nariz, a compreensão de que o trato com os búfalos é feito na covardia por vaqueiros de coragem e de que o búfalo é um animal *bruto*. Essas concepções sobre os búfalos constituem um retrato de um ser cercado de noções antropológicamente relevantes, o que me instigou a pesquisar o tema.

A noção de que animais devem ser constantemente domesticados (ou “acostumados”) é bastante presente no trato com o gado e se estende a outros animais de criação. Nas ocasiões em que acompanhei o amansamento tanto

de búfalos como de cavalos para o trabalho cotidiano na vaqueirice, o processo envolveu bastante uso de força e contenção, principalmente por meio de amarras e do laço.

No caso dos búfalos, o processo da doma se dá principalmente por meio dessas amarras e uso de ferrões. Quando querem conter um búfalo (como para cortar uma parte de seu chifre, por exemplo), primeiro os vaqueiros laçam a rês pela cabeça e pelas pernas, amarrando-a de maneiras diversas até derrubá-la. Se a rês está no começo de seu amansamento, ela primeiro recebe a perfuração do septo nasal, por onde passa uma trança de linha de *nylon* amarrada em forma de anel. O nariz é uma das regiões mais sensíveis dos búfalos e é acionado como meio de forçar o animal a obedecer ao comando do vaqueiro que o comanda. Esse anel de corda permanecerá no focinho do búfalo e, dali em diante, será controlado por outras amarras que passam por dentro dele.

No que diz respeito a esse processo de doma, em diferentes momentos em que eu tentava compreender como os vaqueiros veem e lidam com os búfalos, era necessário passar pela comparação que eles fazem com os bovinos. Várias de suas explanações baseavam-se nos contrastes que trazem de suas experiências prévias como vaqueiros de bovinos, seja em outras regiões, seja em outros tempos na pecuária local.

Morfologicamente, as duas espécies se parecem muito, principalmente para um observador que não tem experiência com gado. Contudo, os vaqueiros reconhecem muitas diferenças entre bovinos e bubalinos, sobretudo em seu comportamento e suas intencionalidades. Em meus cadernos de campo, há várias passagens como a seguinte:

Ontem eu conversava com Dario e perguntei a ele sobre os búfalos e bovinos. Apontei um garrote grande e gordo entre o rebanho à nossa frente para iniciar a conversa. Dario me diz que prefere búfalos a bovinos. Ele diz que bovinos são ariscos, enquanto o búfalo é mais selvagem e aguenta mais porrada. É mais bruto. Ele complementa que quando embarcam os dois animais [para enviar para o abate] eles fazem isso separado, pois os búfalos batem nos bovinos.

Durante as conversas que tive com os vaqueiros sobre o seu ofício, sobre o ambiente em que trabalham e, principalmente, sobre os búfalos, gradativamente uma palavra foi se destacando. Eu ouvia com frequência a noção de *bruto*, comumente apresentada com uma adaptação do que seria sua qualidade, a *brutidade*. Nas primeiras vezes em que ouvi os vaqueiros se referirem

aos bubalinos como *brutos*, tomei nota, colocando o termo em meio a outros. Somente com a sua repetição contínua (e passados vários episódios em que os observei em ação) foi que percebi que, ao falarem de animais *brutos*, eles estavam me apresentando um conceito que consideraram essencial em sua atividade.

Mesmo que a palavra seja de uso comum e seu significado de entendimento imediato para boa parte dos lusófonos, o uso desse termo para se referir a um animal de criação faz referência a uma forma de relação mais ampla. Nesse caso, a proposta de um trabalho de campo extenso, preferencialmente ao longo de meses, é de fato essencial para que o pesquisador acesse de maneira precisa o campo semântico das palavras. Pois só pude perceber esse significado quando a constante referência à *brutidade* dos búfalos teve tempo de decantar na compreensão que eu ia acumulando sobre aquele lugar, aquelas pessoas, aqueles animais com que viviam e trabalhavam.

Após ouvir esse termo de vaqueiros em momentos distintos, comecei a entender que, talvez, o que eles chamavam de *bruto* era, em grande parte, o que eu compreendia como bruto, mas que também carregava outros sentidos, uma concepção que eles atribuíam ao búfalo e que descrevia a forma como consideram que devem lidar com tal animal. Além disso, a ideia de *bruto* passava a noção daquilo que podia vir a ser trabalhado e ter seu estado transformado, algo que condiz com as atividades constantes da vaqueirice. Ou, dito nos próprios termos dos vaqueiros, aquilo que deve ser domesticado.

Parece-me que o próprio fato de que bubalinos tendem a agredir os bovinos quando confinados a um mesmo espaço contribui para que os vaqueiros os considerem mais *brutos* que os outros bovídeos com que trabalham. Instigado por esse tipo de colocação relativamente espontânea, eu tentava estimulá-los a falar mais sobre essa comparação. Uma das maneiras com que eu obtinha maior desenvoltura em suas falas era questionando se eles preferiam trabalhar com búfalos ou bovinos e por quê.

Como me explicou um o vaqueiro, que diz já ter trabalhado com grandes rebanhos de bovinos na Ilha do Marajó, em sua maioria nelore (raça de tipo zebu), existem muitas diferenças de trato. Em sua fala, o bovino é “gado mais cismado, mas é um gado mais leve, você controla melhor”. Outro vaqueiro complementa que nelore é o “gado mais cismado que tem. Se tem 200 e você chega, ele fica cismado, são necessárias mais pessoas para lidar com nelore”.

Já com búfalos, quando *mansos*, um vaqueiro consegue lidar com uma manada inteira, ele diz. Mas isso, ressalta, se os búfalos são *mansos*. Nesse tipo

de explicação, está a ideia de que o búfalo apresenta muita distância entre o comportamento amansado e o asselvajado. Por isso, esse vaqueiro me explica, para lidar com búfalo *bravo*, “tem que ser na covardia”, com pelo menos três vaqueiros destemidos, corajosos. Ou seja, na *covardia* na relação de desvantagem numérica do búfalo, mas, ainda assim, com *coragem* do ponto de vista do vaqueiro.

É justamente nesse contraste que questões interessantes aparecem, constituindo o que os vaqueiros consideram polos opostos de comportamento dos animais. Um dos contrastes mais importantes para o argumento deste texto é o binômio *bruto x melindroso* (ou *cismado*), representativo da distinção entre *bubalino x bovino*. No caso, o búfalo é descrito como um ser *bruto*, mais resistente, que “guenta mais porrada” e tem o comportamento mais linear se domado, enquanto o bovino é *cismado*, imprevisível, “quebra fácil” quando derrubado.

Como exposto ao longo do texto, há diferentes processos de amansamento por meio dos quais esses animais se “acostumam” aos vaqueiros. Frequentemente, esses amansamentos são realizados por meio de cordas, amarras, chicotes e força, o que os vaqueiros chamam de *dobrar* o gado, sempre por meio da *brutidade*, como argumentei.

Por outro lado, treinar os animais para o convívio e o trabalho nas fazendas envolve ainda outro aspecto da questão, a saber, o processo reverso de domesticação do humano. Se a domesticação é uma forma de *socialização*, ela também altera e conduz as atividades dos humanos. Assim, quem domestica é, também, domesticado em uma determinada relação. Ou, em outras palavras, o modo de relação faz o animal, mas também o humano. E, aqui, interessa-me um tipo específico de produção de humanos, os chamados *vaqueiros*, que não *são*, mas se *tornam* vaqueiros a partir de determinadas práticas, habilidades e atributos que eles apontam compor seu ofício.

Conclusão: a *brutidade* como categoria de relação

Teóricos como Sigaut (1988) e Cassidy (2007) observam que não apenas é necessário repensar a domesticação frente às novas tecnologias e arranjos entre humanos e animais, mas também reconhecer a domesticação como um termo que remete a processos diversos. Nesse mesmo sentido, Nerissa Russell (2002, p. 293) propõe que, além de questionar se os animais são domésticos, é preciso também investigar as práticas específicas de domesticação em cada contexto. Isso requer compreender suas dimensões por meio de práticas de

familiarização, propriedade e regulação da reprodução, dinâmicas que podem remeter a aspectos sociais mais amplos.

Por isso, tanto Sigaut (1988) quanto Digard (1988) defendem o caráter recíproco da relação de domesticação e, assim, entendem que esses processos têm efeitos tanto sobre o homem quanto sobre o animal. Nesse mesmo sentido, Cassidy (2007) abandona posições que tendem a enxergar a relação com animais como vias de mão única, passando mesmo a pensar em termos como mutualismo, simbiose e reciprocidade.¹⁵

Ao buscar apresentar a atividade da vaqueirice na cultura de búfalos em áreas de várzea no rio Araguari a partir de uma perspectiva relacional, empreendi o esforço de retratar o búfalo por um conjunto de práticas e relações intermediadas pela criação do animal. Por isso, ao longo deste texto apresentei as diferentes concepções que usualmente são colocadas em ação para descrever os búfalos e outros animais em comparação com eles.

Quando colocados em contraste, podemos sugerir o seguinte esquema de oposições:

| | | |
|---------------|---|-----------------------------------|
| sangue quente | x | calmo |
| bravo | x | manso/domesticado |
| castrado | x | inteiro |
| duro | x | macio/mole (pescoço, cara, nariz) |
| selvagem | x | domesticado |
| bruto | x | melindroso |

A partir de características creditadas ao animal, como força e rusticidade (pois *guentam muita porrada*), os vaqueiros estabelecem o seu atributo de *bruto* como o princípio por meio do qual a relação pode ser estabelecida. Proponho que esta seja uma chave explicativa para elucidar as relações entre vaqueiros e búfalos, que atinge seu cume naquilo a que os vaqueiros se

¹⁵ Em um texto mais recente, Jean Segata sugere, a partir de sua pesquisa etnográfica, que interessa à antropologia a transformação que pessoas e animais causam em si nos processos de suas relações. Nesse sentido, propõe o autor: “Falar de si através de um animal talvez não se resuma a uma simples projeção simbólica, mas faça aparecer um processo de se traduzir no outro – de se fazer aparecer nele, de se transformar mutuamente” (Segata, 2012, p. 44).

referem como a *brutidade*. Em suma, a noção e relação de *brutidade*, expressa quando o vaqueiro afirma ter que lidar com búfalos de forma *bruta* por eles serem *brutos*, pode ser entendida como uma incorporação pelos humanos desse mesmo princípio relacional da *brutidade*.

E essa *brutidade* é exercida principalmente por meio das amarras, cordas e laços com os quais os vaqueiros lidam com os búfalos e que definem, em sua perspectiva, a própria atividade da vaqueirice. Portanto, uma parte considerável da interação com os animais se faz por meio de amarras e conexões, em que o laço pode ser também entendido como a mediação dessa *brutidade*.

Ao pensar nos termos dos processos de domesticação que modificam também o humano, sugiro que, nas relações entre vaqueiros e búfalos, acionar constantemente a noção de *bruto* para explicar uma característica que os vaqueiros consideram essencial do animal – e que faz com que tenham que ser tratados na *brutidade* – é um processo reflexivo sobre a própria atividade do vaqueiro. Isso não é dizer que, ao chamar o búfalo de *bruto*, os vaqueiros estejam metonimicamente se chamando de *brutos* (mesmo que isso possa ser dito por algum vaqueiro em determinada situação). É, penso, apontar para uma forma de relação predominante na pecuária extensiva de bubalinos.

Seguindo essa pista, no caso da criação extensiva de búfalos nas várzeas dessa região amazônica, tratei de diferentes tipos de interação e de como os *seres se constituem mutuamente*. Ou, em outros termos, de uma relação de *domesticação mútua*, tal como proposto por Dominique Lestel (2002, p. 56), para quem essa relação é uma característica essencial das comunidades híbridas de humanos e animais não humanos que partilham uma determinada racionalidade. Isso é seguir a questão deixada pelo autor (Lestel, 2002, p. 56) sobre quais mudanças ocorrem na racionalidade de um agente quando ele interage regularmente com outro agente que possui habilidades muito diferentes das que ele próprio possui.

No caso desta etnografia, é possível dizer que os vaqueiros reconhecem nos búfalos o atributo (ou habilidade) de *bruto* e afirmam que, para *domesticar* esses animais, eles devem posicionar sua ação em uma mesma escala de *brutidade*, criando, então, sintonia e acesso àquilo que julgam ser essencial no animal. Nesse caso, o laço, além de elemento técnico constante na atuação do vaqueiro, é também uma via de ação pela qual o vaqueiro expressa concepções sobre como lidar com o gado, seja no ato de *dobrar* o gado, seja em amarras e derrubadas nos animais no processo de torná-los *mansos*.

Assim, não basta ver a relação entre dois seres (búfalo e vaqueiro), mas é preciso também entender sua forma de relação, que passa pelo meio (os campos de várzea e suas distintas estações), pelos objetos técnicos (facões, selas, currais) e por outros seres (cavalos, cachorros), ampliando a visão para um sistema domesticatório, tal como proposto por Digard (1990). Mais do que isso, a maneira como vaqueiros e búfalos se relacionam é influenciada, senão definida, pelo intermédio entre os dois seres, o que é feito sobretudo por meio do *laço*, elemento técnico inerente à atividade do vaqueiro no contexto de criação extensiva de várzeas.

Nesse sentido, sugiro que a *brutidade* não está necessariamente, ou fundamentalmente, nem no búfalo nem no vaqueiro, mas na relação entre eles. Nessa equação, o laço e outros elementos técnicos são vistos como uma intermediação material desse atributo. Se o *laço* é o meio de relação, a *brutidade* é a sua forma.

Para concluir, neste artigo busquei entender a relação entre vaqueiros e búfalos no contexto de criação de várzeas amazônicas por meio de uma perspectiva relacional. Nesse contexto, búfalos são tidos como *brutos* e, para lidar com eles, os vaqueiros afirmam ter de recorrer à *brutidade*, exercida primordialmente em formas de relação que se dão por meio do laço e outros elementos técnicos.

Referências

BANDUCCI JÚNIOR, Á. *A natureza do pantaneiro: relações sociais e representação de mundo no Pantanal da Nhecolândia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2007.

CASSIDY, R. Introduction: domestication reconsidered. In: CASSIDY, R.; MULLIN, M. (Ed.). *Where the wild things are now: domestication reconsidered*. New York: Berg, 2007. p. 1-25.

DIGARD, J.-P. Jalons pour une anthropologie de la domestication animale. *L'Homme*, Paris, v. 28, n. 108, p. 27-58, 1988.

DIGARD, J.-P. *L'Homme et les animaux domestiques: anthropologie d'une passion*. Paris: Fayard, 1990.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *The Nuer: a description of the modes of livelihood and political institutions of a Nilotic people*. Oxford: Oxford University Press, 1940.

FERRET, C. Towards an anthropology of action: from pastoral techniques to modes of action. *Journal of Material Culture*, London, v. 19, n. 3, p. 279-302, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Banco de dados agregados: pecuária: efetivos/rebanhos*. 2015. Disponível em: <<http://www2.sidra.ibge.gov.br/bda/pecua/default.asp?t=2>>. Acesso em: 30 maio 2016.

INGOLD, T. *The Skolt Lapps today*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

INGOLD, T. *Hunters, pastoralists and ranchers: reindeer economies and their transformations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

INGOLD, T. *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, 2000.

INGOLD, T. *Lines: a brief history*. London: Routledge, 2007.

LESTEL, D. The biosemiotics and phylogenesis of culture. *Social Science Information*, London, v. 41, n. 1, p. 35-68, 2002.

MARQUES, J. R. F. *Búfalos: o produtor pergunta, a Embrapa responde*. Brasília: Embrapa, 2000.

MARQUES, J. R. F.; LOPES, C. A. C.; MARTINEZ, G. B. *Produção animal nas várzeas do Rio Amazonas*. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2003.

MAZZA, C. A. et al. *Composição botânica da dieta de bubalinos na Nhecolândia, Pantanal Sul-Mato-Grossense*. Corumbá: Embrapa-CPAP, 1990.

MOREIRA, P.; COSTA, A.; VALENTIM, J. *Comportamento produtivo e reprodutivo de bubalinos mestiços Murrah-Mediterrâneo em pastagem cultivada de terra firme, no Estado do Acre*. Rio Branco: Embrapa-CPAF-Acre, 1994.

MURA, F. De sujeitos e objetos: um ensaio crítico de antropologia da técnica e da tecnologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 36, p. 95-125, 2011.

RUSSELL, N. The wild side of animal domestication. *Society & Animals*, Leiden, v. 10, n. 3, p. 285-302, 2002.

SÁ, G. J. S. *No mesmo galho*: antropologia de coletivos humanos e animais. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SAUTCHUK, C. *O arpão e o anzol*: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá). 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SEGATA, J. *Nós e os outros humanos, os animais de estimação*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SIGAUT, F. Critique de la notion de domestication. *L’Homme*, Paris, v. 28, n. 8, p. 59-71, 1988.

STOECKLI, P. Do bravo ao manso por meio de uma lente: aproximações imagéticas à criação de búfalos. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 133-166, 2015a.

STOECKLI, P. *Laços brutos*: vaqueiros e búfalos no baixo Araguari – Amapá. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2015b.

SÜSSEKIND, F. *O rastro da onça*: etnografia de um projeto de conservação em fazendas de gado do Pantanal Sul. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

VANDER VELDEN, F. F. *Inquietas companhias*: sobre os animais de criação entre os Karitiana. Rio de Janeiro: Alameda, 2012.

Recebido em: 31/05/2016

Aprovado em: 01/03/2017